



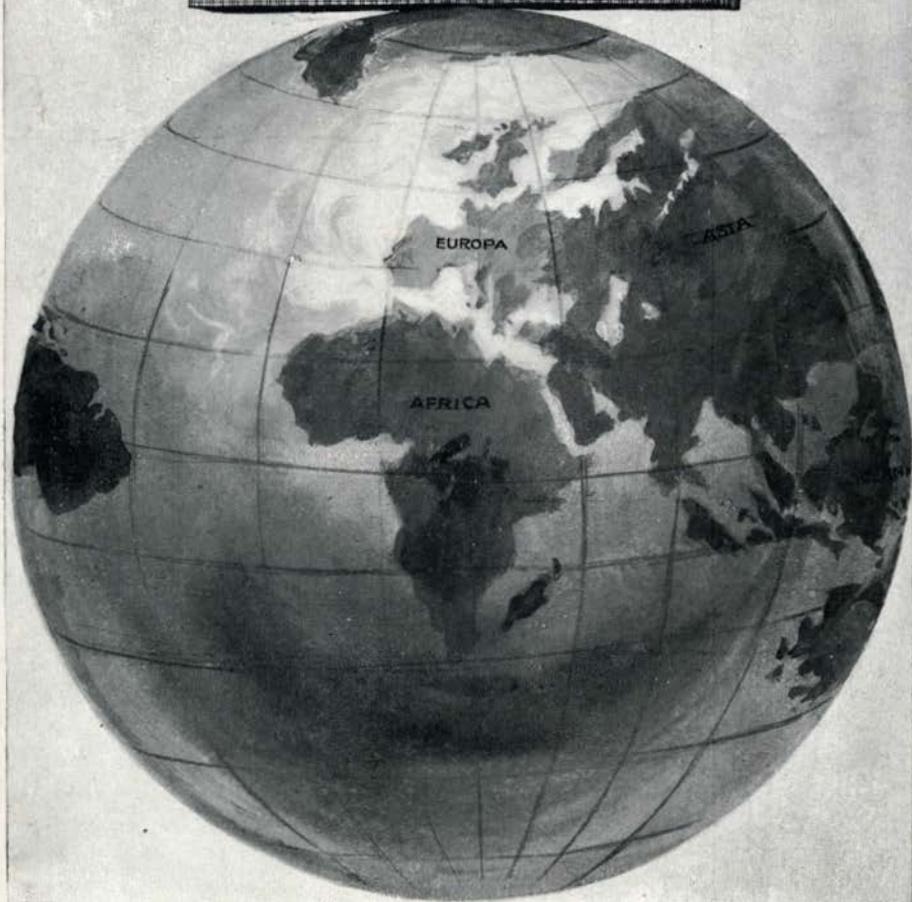
CANTORAS AMADORAS: Mademoiselle Bertha Guimarães

N.º 322 Lisboa, 22 de Abril de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL COLONIAS

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES



Impondo-se pelos seus benéficos efeitos e maravilhosos resultados, dominam o mundo os

Comprimidos "Bayer" de Aspirina

provadamente eficazes nas:

DORES DE CABEÇA E DE DENTES, INFLUENZA, CONSTIPAÇÕES, RHEUMATISMO, ETC.

Como garantia de pureza exigir sempre o tubo original marcado com a



CRUZ DE BAYER

A LISBOETA



A lisboeta modificou-se em meia dúzia d'anos. Sentiu-se mais o progresso nas nossas lindas mulheres que na administração, na politica, nas artes.

A mulher de Lisboa tinha o recato mourisco; ha seculos olhava por detraz das gelosias. N'um determinado periodo caminhava de cabeça baixa, olhando o biquinho da bota, tímida e vermelha aos galanteios dos peraltas; depois foi receosa, toda ela afogada

nos vestidos, sem deixar ver nesga de pele, usando severidades de trajó que a tornavam uma especie de viuvinha. O nosso lindo sol aquecia lindos rostos, mas o encanto quebrava-se na monotonia dos fatos, que pareciam prender os movimentos á lisboeta.

Ela não entrava n'outras lojas além das de modas, n'aquella grande cubi-



ça de remexer fitas, instinto tanto da mulher que parece até ter Eva acariciado a serpente preadvinhando a boa; nos confeiteiros, mas raramente, porque era doceira de profissão, e nunca n'um café, n'uma pastelaria, n'um *restaurant*, para tomar o seu *lunch*, o seu chá das cinco, o seu jantar.

Mas, n'um repente, como ao aceno de uma varinha magica em peça feérica, a lisboeta, sem perder o recato, sem deixar os seus habitos honestos, transformou-se na aparência, mudou de trajos, mudou de modos.

Ela, que receava tudo, tornou-se afoita e, deixando as coisas sombrias que a faziam viuvinha tristonha, entrou a vestir-se pelos modelos francezes, a pentear-se, a perder esse ar composto e igual, muito nacio-





nal, muito piegas muito romanticamente d'outro século. Interessou-se n'essa transformação e d'ali por diante o Chiado viu-a passar nas suas carruagens, a Avenida sentiulhe o encanto, a rua do Ouro mirou-a e os estrangeiros, caídos de cho-

modelam, como decotes que a mostram n'um esplendor supremo a tornarem encantadoras estas ruas batidas de luz, onde ela é a claridade maior.

Não hesitou em pôr na cabeça o chapéu do ultimo modelo, em vestir a saia travada e até em



fre na nossa terra, ao verem-na bem gentil, d'uma formosura invulgar, entraram a perguntar se não era uma *blague* o que a



que outr'ora se embiocava, se ocultava como uma moirinha por detrás da sua rexa.



meia duzia d'anos se dizia da lisboeta: o nariz no chão, o traço sombrio, o modo piegas que lhe ficava mal.

E' que ganhou a graça no andar, a alizez nos olhos cheios de encanto, a sua formosura desenvolveu-se com os espartilhos que a



tentar a saia calção; começou a usar os mais extraordinarios penteados, os mais incriveis, os mais sensacionais e tudo isso com o mesmo modo honesto, a ajuntar-lhe o que em arte ganhou, com



E ao mesmo tempo as lojas foram frequentadas com mais aprumo, remexeram-se mais sedas, tiveram-se mais desejos do luxo que fazem, do luxo que vem desde o verniz dos sapatos aos ganchos do cabelo, desde a espuma das rendas ás plumas bisarras do chapéu e os confeiteiros á tardinha viram, com pasmo, logo aproveitado no negocio, a lisboeta a ter a sua hora de con-



versa enquanto bebe o seu chá e os *restaurants chics* viram-na ir jantar, com as suas capas magnificas a cobrirem as *toilettes* de teatro, a emprestar ás suas salas a beleza que lhes faltava.



Assim entrou na vida essa mulher que mal existia para as grandes satisfações femininas: a vaidade d'elas, o deslumbramento nosso.

O homem de Lisboa pôde não ter vencido na política, nas artes, nos negócios, mas a lisboeta, essa venceu de tal forma, de tal maneira se transformou, que se as suas avós voltassem—elas que eram as su-



premas esquivas — diriam, ao verem-nas tão leves e tão vaporosas, não que são anjos — as mulheres, mesmo as avós, nunca se gabam umas às outras —mas que

lhes soltaram as azas.



R. M

AMADORAS DE CANTO.

Portugal tem dado um ra-soavel contingente de artistas amadores de canto. Os nossos salões de concertos e os te-aos liricos, principalmente os de Italia, registam alguns nomes de cantores que muito nobilitam no mundo musical o nome portuguez.

A par de Francisco e Anto-nio de Andrade e outros artis-tas de merito orgulha-se o nos-so belo paiz de cantoras co-mo Regina Pacini, nasci-da em Portugal, hoje re-tirada de cena no apogeu da sua glo-riosa vida artistica e depois de haver conseguido uma avultada fortuna com a sua voz de puro ouro; Maria Judice, discipula do Conservatorio de Lisboa; Augusta Cruz, já falecida; Mary d'Arneiro, fi-lha do visconde de Arneiro e outras muitas cuja fulgura-ção na cena lirica nada tem que inve-jar ás celebridades de outros paizes.



1—Sr.ª D. Erna Stock



Ainda n'este momento a es-treia da cantora portugueza Cesarina Lira na cena do Co-liseu dos Recreios, discipula intelligente e distinta da escola de madame Mantelli, assinala mais um grande triunfo para o nome portuguez.

Datam de 1843 as esplendi-das recitas efetuadas no tea-tro das Larangeiras, na resi-dencia do conde de Farrobo. N'esses lindos e suntuosos es-petaculos, a que assistiram a rainha D. Maria II, o rei D. Fernando e a imperatriz viu-va, que raras vezes ia a diver-timentos, já consigna a histo-ria d'aquella época que a todos os artistas e amadores sobresaíram as duas notaveis cantoras D. Francisca Romana Martins e D. Carlota O'Neill. E não só essas, outras so-listas se evidenciaram por uma bela escola de canto e nos côros a propria condessa de Farrobo e suas fi-lhas contribuíram com seus formo-sos talentos para a grandiosidade que n'aquella época tiveram todas as festas organisadas pelo conde de



2—Sr.ª D. Virginia Abolin
3—Sr.ª D. Laura Madeira



A distinta professora de canto sr.^a D. Eugenia Mantelli com as suas discipulas, entre estas a sr.^a D. Cezarina Lira ◊ que debutou na opera «Aida» no Coliseu dos Recreios



Farrobo. E não só nas festas das Larangeiras apareceram amadoras e artistas portuguezas de subido merito, mas ainda na Academia Filharmonica onde se cantou, no anno de 1842, por amadores, a opera *Favorita*, em 1844 os *Infantes de Ceuta*, poema de Alexandre Herkulano, musica de Miro, compositor muito em voga; em 1845 a *Maria Padilla*; em 1846 o *Ugo Conde de Paris*, e na Assembléa Filharmonica, rival da Academia, cantaram-se tambem as operas *D. Sebastião*, no ano de 1844, e os *Lois Foscaris*, em 1846.

Muitos talentos se evidenciaram n'essas aureas épocas de arte que deve em grande parte ao conde de Farrobo o brilho excecional. Já anteriormente, em 1793, por occasião das festas que em Lisboa se fizeram no mez de maio para solenisar o nascimento da princeza da Beira, Maria Tereza, se evidenciou uma artista celebre portugueza, Luiza de Aguiar Todi.

Os criticos musicaes de então apreciavam com o maior entusiasmo esta artista, notando-lhe o primoroso metodo de canto e que não estava abaixo da alta reputação a que a tinham elevado os seus triumphos em Madrid, Paris, Londres, Berlim, Vienna, Turim, enfim, toda a Europa culta.

A sua peregrina voz e superior metodo de canto deram a Luiza Todi logar proeminente entre as maiores sumidades artisticas mundiaes, d'aquella época.

Outra cantora portugueza percorria ao mesmo tempo os teatros da Europa, Lourença Correia, nascida em Lisboa em 1771. Foi discipula de Marinelli e cantou em Madrid em 1793 e successivamente nos primeiros teatros de Italia. Em 1810 era aclamada a nossa cantora em Paris, e de 1811 a 1816 subjugava sempre que aparecia em cena, ao maior entusiasmo, o publico do teatro Scala, em Milão.

Em Lisboa muitos tem sido os professores de canto que contribuíram para o desenvolvimento que entre nós se tem notado nas amadoras d'esta bela arte, desde Angelo Frondoni até Alberto Sarti e madame Eugenia Mantelli.

Entre os que prestaram bons serviços á arte de musica não esqueceremos Antonio Duarte da Cruz Pinto, que muitas amadoras de canto apresentou nas festas, algumas importantes, organisadas por este amador e critico



1— Madame Mantelli
2— Madame Eça Leal Abecassis



Sr.ª D. Elsy Rogemoser

d'arte. Recentemente as audições dos discipulos do maestro Sarti e de sua esposa e as festas realizadas nos salões de madame Mantel-

Sr.ª D. Berta Guimarães

ver d'adeiros acontecimentos no nosso meio artistico e proavam que são esses os nossos grandes centros musicas, onde se encontram os nossos melhores amado-

Sr.ª D. Hortense Fontana



Sr.ª D. Maria Tezera Ferreira

li, tambem para apresentaçao das suas discipulas, constituem

Sr.ª D. Margarida Carneiro

res e de onde hão de sair os nossos mais gloriosos artistas.

Sr.ª D. Elmira Caldeira Queiroz



TEATROS DE PARIS

O drama e comedia

Evidentemente os senhores não esperam que eu lhes faça uma resenha completa das peças que atualmente se representam nos inumeraveis teatros parisienses, desde o Ba-la-clan, a leste, ao Fémina, a oeste, da Gaité-Rochecouart do extremo norte á Gaité-Montparnasse do extremo sul. Abster-me-hei mesmo de lhes dizer o que é a «Dama das Camélias», que Madame Sarah Bernhardt está representando no seu teatro, o «Pardon de Ploermel» (vulgo «Dinorah»), que a Opera-Comique retomou em novidade, e «La Fille de Madame Angot» com que o Gaité-Lyrique entretem a multidão dos seus «habitues». Tampouco procurarei explicar-lhes porque misteriosa razão «Le Petit Café» (aí, pelo entrudo, conhecido como «O botequim do Felisberto»), está prestes a atingir, com casas cheias e em ininterrompida serie, as suas trezentas representações, e porque, no Fémina, o publico se não cança de ver Mlle Cassive em camisa, embora o marido lhe grite: «Mais n'te promene donc pas toute nue!» como no titulo da farça de M. Georges Feydeau. E não lhes contarei tambem (mas isso por mais pudicos motivos) todo o suggestivo encanto da «Saphô», de MM. André de Lorde e Michel Carré, que, no pequenino palco do Capucines, permite a Mlle Regina Badet e a outros lindos corpos o enjeo de nos dar uma evocação estonteante de velhos tempos gregos, mais belos, mais doces e mais nus.

Limitar-me-hei a referir-lhes o mais succintamente que possa, o que de mais notavel nas grandes cenas de declamação se admira.

Na Comédie—à tout seigneur...—o grande exito da epocha é, sem duvida, o da «Primerose». Successo de dinheiro, sobretudo. Nunca, ao que parece o Théâtre Français realizára tão altas receitas como as que lhe tem angariado a comedia de MM. Caillavet e Flers. A peça, que Lisboa já conhece, é, de resto, interessante, do gosto das que é moda dizer «bem parisienses». Para mais, Mesdames Leconte, na protagonista, e Pierson, na Madame de Sermaize, MM. Grand e Féraudy, no de Lancrey e no Cardeal, dão-lhe uma interpretação de todo o ponto modelar. A proposito d'esse cardeal, escreveu-se, ao que vi, na imprensa de Lisboa, que ele, com as suas doutrinas pouco orthodoxamente catholicas, nunca poderia ser um figurante da corte de Pio X. Tanto peor então para essa corte. Porque taes doutrinas, que não serão do ultimo figurino de Roma, mas de cuja pureza cristã eu não duvido, jámais poderiam



1—Uma cena de Saphô no teatro dos Capucines (Cliché Bert) 2—Madeline Lely, protagonista de L'Assaut (Cliché Waley)

fazer d'ele um intruso na -entourage- d'esse admiravel Leão XIII, tão arguto diplomata e tão grande homem que já alguém disse não ter havido no seu tempo outro maior...

De «Le Ménage de Molière», de M. Maurice Donnay não se pôde dizer que seja uma peça de êxito. E', comtudo, um trabalho de alto merito, trabalho de reconstituição historica e de evocação literaria (se me permitem assim dizer) que não pôde

deixar de ser acolhido com o respeito que merecem os longos esforços e as generosas intenções.

Disse um critico que o novo-trabalho do dramaturgo dos «Amants» não é mais que um belo livro de versos consagrado à memoria de Molière, escrito n'uma lingua que não é nada a de M. Maurice Donnay, nem tampouco a de Molière, mas que será sempre a da Academia.» Se assim é, tomemos em bom conceito essa Academia apta para dizer delicados estados d'alma em finos versos como estes:

La douce accoutumance
 Vous laisse inaverti lorsque l'amour commence
 Et l'on ne saurait dire exactement quel jour
 Une pure tendresse est changée en amour.
 On respire un parfum, on subit un doux charme.
 Hélas! il est déjà trop tard quand on s'alarme...

A nossa nao' seria capaz de se exprimir assim...
 «Esther, Princesse d'Israel» é um drama em 4 atos



1—Vera Sergine 2—Henriette Rogers na «Rue de la Paix» no Vaudeville (Cliché de Reutlinger)
 3—Mistinguett e Max Dearly na *Le Bonheur sous la main* 4—Uma cena do *Mais n'este promene donc pas toute nue!*

e em verso, de que são autores MM. André Dumas e Sébastien-Charles-Léconte e que faz encher todas as noites o Odéon. Pondo em cena essa obra considerável, que se destina a colocar

salvar-se, apesar de todos os recursos valiosos da literaria ironia de M. Hermant. Um lote de creaturas futeis, vestidas com trapos fantasistas, colhidas embora em flagrante, cheza

1—Yvonne Ilray a protagonista de *Le Coeur dispose* no Ateneu. 2—Suzanne Munte em *Les Petits* no Antoine 3—Martie Brandès na *Flambée* (Clichés Wallery)

nos devidos termos bíblicos a historia de Ester, desfigurada por Racine. M. Antoine, diretor do segundo Théâtre Français, cuidou de nol-a ministrar em condições de a fazer sem esforço, antes mesmo com aprazimento, assimilavel. Os cenários são cheios d'arte, a orquestra Colonne dá-nos, no decorrer do espectáculo, belsa coisas de Borodine, Glazounow, Rimsky-Korsakow e Tschai-kousky, e algumas dansadeiras prodigalizam-nos, embora a meia-luz, a graça aperitiva das suas pouco veladas formas. Tudo isso sera bastante para que eu não acolhesse de má sombra os versos dos dramaturgos ainda que elles não possuissem as qualidades de beleza, sonoridade e expressão que seria grande injustiça recusar-lhes. Ester é Mlle Ventura, sarabernardinha triunfante, de bom talento: de voz doce cuja declamação de grande estilo eu desejaria algumas vezes ver sacrificada ou, melhor dizendo, adaptada ás exigencias d'uma expressão justa. A grande tragedia pede amplos gestos de que as plateas não des gostam e que as galerias admiram, mas admite ainda assim algumas concessões. E M. Antoine, o ferrinho naturalista, deve sabel-o melhor do que ninguém...

No Vaudeville, á Rue de la Paix de MM. Abel Hermant e Marc de Toledo succedeu *Bel-Ami*, adaptado do romance de Maupassant por M. Nozière. A primeira não conseguiu





1—Gabriella Dorziat em *Bel-Ami* no Vaudeville (Cliché Falbo)
2—Spinelley em *Le Bonheur sous la main* nas Variétés (Cliché Félix)

os costureiros da moda ou nos encontrões do «trottoir», podem dar belos quadros de revista, com um espirito critico e uma intenção intelligente que em geral as revistas não servem — mas nunca darão coisa maior. É muito mais difficil, sobretudo em teatro, vencer pelo cinismo que pela comocão.

A comocão pôde ser mesquinha e «reussir quand même», o cinismo tem de ser grande. O ironista admiravel que é M. Hermant, appareceu-nos á luz da ribalta despojado de certos recursos d'arte dos seus livros, ou, antes, esses recursos appareceram-nos diferentes iluminados por aquela luz. Menos perfectos? Talvez não. Não menos sedutores.

«Bel-Ami» espera por certo outra fortuna. Qualquer que possa ser a nossa opinião sobre a adaptação de romances ao teatro (e a minha não é das favoraveis) é de convir que a peça tem qualidades que a impõem, que o talento de Maupassant basta ainda para lhe insuflar a vida e que a interpretação de Mesdames Vera Sergine, Dorziat e Dolley e de MM. Duquesne, Lerand, Joffre e Dax, para não citar mais que os primeiros entre os sessenta personagens da comedia, é a melhor que o mais exigente dos autores e o mais insatisfeito dos publicos poderiam desejar.

No Variétés, depois de um «vaudeville» turbulento de M. Paul Gavault, «Le Bonheur sous la Main», com Max Dearly e Miles Spinelley e Mistinguett, espirituosas sempre, faz-se a «reprise» do «Roi». A peça de MM. Caillavet Flers e Aréne, que foi representada em Lisboa com o titulo de «O Rei da Gafanha», é, como os senhores sabem, uma satira admiravel e que nos apparece hoje com o brilho e a oportunidade da primeira hora. Mlle Laval-lière, que ainda ha pouco creou no Antoine, com grande exito, o «travesti» do Geo, na comedia de M. Lucien Ne-poty, «Les Petits», reencontra na Marthe Baudier o seu triumpho antigo.

Não me permite o espaço falar hoje das peças novas dos pequenos teatros—Fémina, Michel, Comédie Royale

e tantos outros,—nem tampouco d'algumas das dos grandes, como a patriótica «Flambée» de M. Kistemaekers, applaudida sempre, com Madame Martha Brandès na Porte-Saint-Martin, como «L'Aigrette», de M. Nicodemi, que a illustre Réjane interpreta no seu teatro, como ainda «Le Cœur dispose», de M. Francis de Croisset, representada com exito por André Brulé e Mlle de Bray, no Athénée. Mas não quero deixar de referir-me, embora sumariamente a «L'Assaut», a nova peça de M. Bernstein, interpretada, no Gymnase, por Guitry.

Dir-lhes-hei, em resumo, o assunto do drama: Merital é um homem politico proeminente. Depois de muitos anos de continuo esforço, ele, que nascera humilde, conseguiu impôr-se e vencer. Chefe de grupo agora, a sua situação parlamentar é das mais brillhantes. É viuvo, tem dois filhos e uma filha. Renée, uma rapariga da intimidade da casa, amo-o e oferece-se-lhe para mulher. Mas eis que chega a hora do «assalto». Inimigos e amigos politicos (estes ultimos sempre os mais perigosos) atiram a publico uma grave accusação. Eles afirmam que, no tempo da sua mocidade, quando ao serviço d'um notario, Merital tinha roubado 4:000 francos ao patrão. Um processo torna-se inevitavel. E Merital consegue vencel-o, amedrontando o senador Frépeau, seu partidario mas ao mesmo tempo a alma negra da conjura, com as mais esmagadoras revelações. Nas horas amargas do decorrer d'esse processo todos desconfiam de Merital menos Renée. E é a ela que, no fim de tudo, quanto os tribunaes o ilibam castigando o jornalista que o calunioou, elle confessa realmente ter roubado e conta as circumstancias dolorosas que o levaram a esse delito que aliás duramente e honestamente redimiu. Confessado o seu crime, Merital julga-se indigno d'ela. Mas Renée ama-o e admira-o. Vão casar e elle abandona a vida politica.

Esta peça de Bernstein mostra o seu autor n'um caminho de nitido progresso. Ha n'ela os meios fortes, tanto do agrado do dramaturgo, mas ha alguma coisa mais. No fundo, a peça decorre



3—Cena de *L'Assaut* no Gymnase (Cliché Larcher)



1—Grand, o protagonista de *Le Ménage de Mollie* (Comédie Française) (Cliché Berger)

Mas a de Renée aparece-nos falta de informes que nos habilitem a julgá-la. Quem é afinal essa rapariga



3—André Brulé em *Le cœur dispose* no Ateneu (Cliché Walley)

4—Jeanne Tribe na *Rue de la Paix* no Vaudeville (Cliché Manuel)

d'um viuvo com filhos onde os parentes, se os tem (e pouca importancia lhes liga n'esse caso) jámais, que a gente saia, põem os pés? Seria falta de atenção minha, porque assisti á representação do drama uma só vez: mas a verdade é que nada ouvi que me pudesse elucidar a tal respeito. E, se é certo que eu não exijo dos autores que nos informem de todo o passado das suas personagens, certo é tambem que o conhecimento d'esse passado, em Renée, ajudar-nos-hia preciosamente a perceber o seu carater.

Uma coisa ha porém de absolutamente admiravel n'esse espetaculo do Gymnase: é a interpretação do papel de Merital por Guityry. Ele é sem duvida o mais extraordinario dos atores modernos que conheço: incontestavelmente o maior ator da França. Nunca como quando o vemos e o ouvimos a vida, vivida no palco, nos surpreende. É uma coisa nova, tão distante da «naturalidade» convencional da cena que, no primeiro momento, é força de ser verdadeira, de ser fiel, de ser exata (o que o habit faz) a estranhamos. Mas é tão subtil e tão perfeita a arte d'esse comediante singular, que, depois de o vermos até os grandes nos parecemos pigmeus.

Julgo ter lido aigures que Guityry vae em breve a Lisboa. Pois se assim é, eu querria que nas noites das suas recitas os teatros portuguezes fechassem para que os seus artistas pudessem vê-lo. «Todos», absolutamente todos», li teriam que aprender...

Paris, março de 1912.



2—Eva Lavalliere em *Les Petites*

que ninguem sabe d'onde veio, se de uma familia ultramoderna, se da Assisencia Publica, que se instala na casa



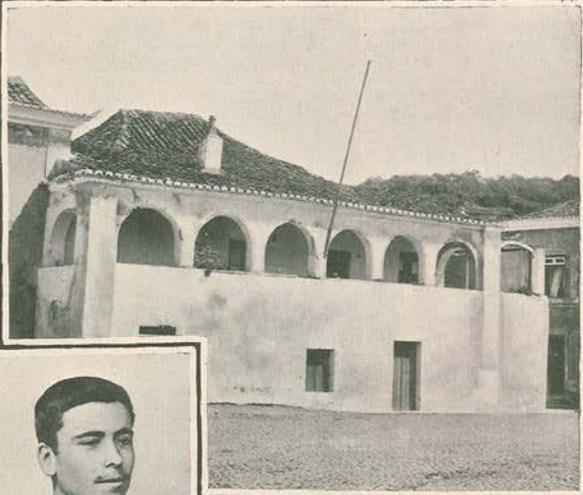
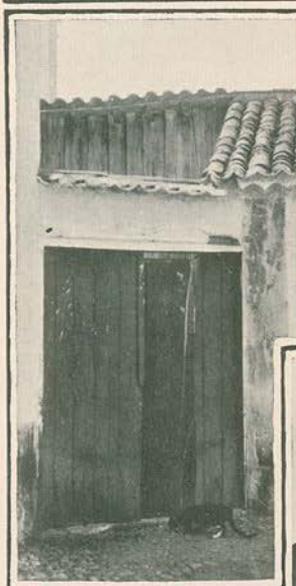
5—Eva Lavalliere em *Les Petites*



6—Eve Lavalliere em *Les Petites* no Antoinette (Cliché Walley)

PAULO OSORIO.

O CONFLITO DA CHAMUSCA



1—A Porta da sacristia da Misericórdia
arrombada pelos populares que trouxeram
a procissão para a rua
2—Fachada do Centro escolar



3—Francisco Mau Cabelo que foi atingido por uma bala
4—Os indivíduos presos em virtude dos acontecimentos da Chamusca

UMA NOVA POMPEIA

O professor Spinazzola acaba de pôr à luz do dia mais trechos da velha Pompeia soterrada pelas lavas do Vesúvio.

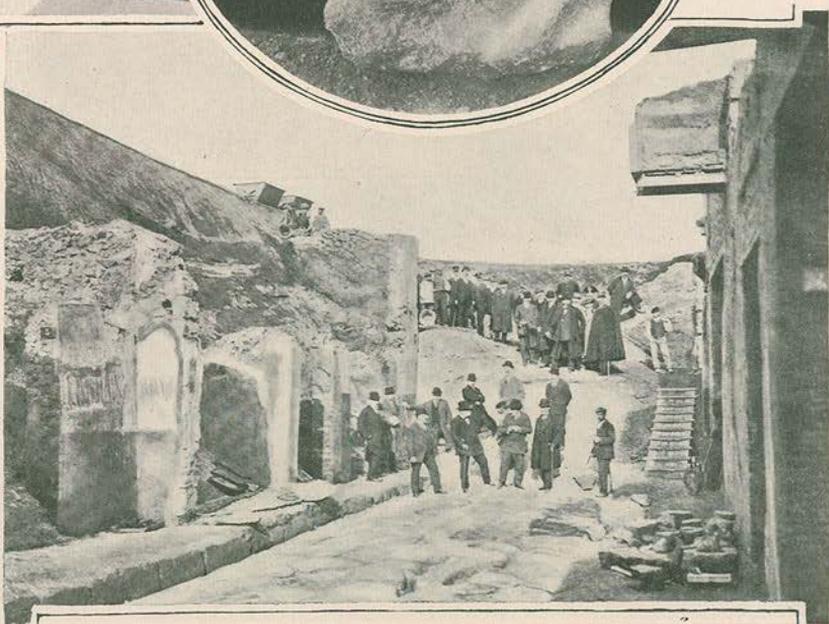
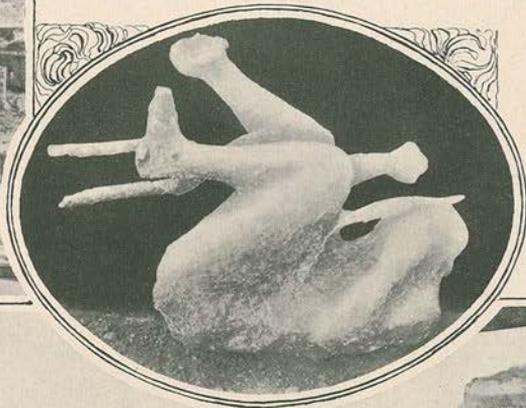
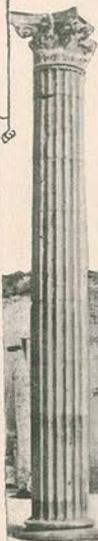
Existe ali uma casa chamada do conde de Turim, porque este príncipe assistiu aos primeiros trabalhos para a sua descoberta e na qual se poudé agora reconstruir uma comovente cena de morte: a d'uma família inteira surpreendida na fuga pela derrocada. O pae e a mãe

davam as mãos; d'outro lado ficaram duas pessoas adultas, talvez os creados, e no meio da casa duas creancinhas abraçadas.

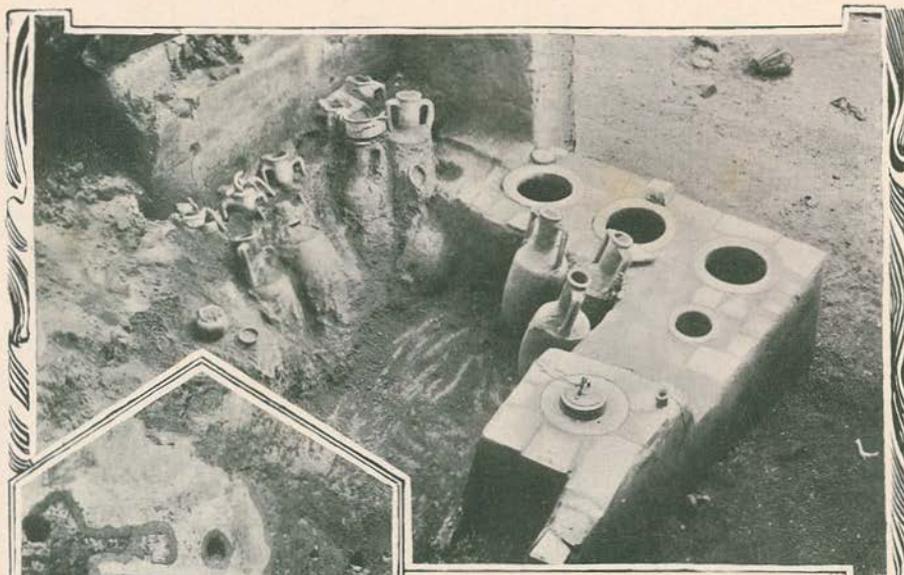
Mas a descoberta mais original é: dos balcões da rua da Abundancia sendo necessario um grande trabalho para substituir todas as partes caídas. No angulo da rua direita descobriu-se a fonte publica com os seus frescos representando as divindades do Olimpo e mais abaixo um outro mais pequeno, figurando os quatro sacerdotes sacrificando aos lares.

Pertinho surgiu um *bar*. um verdadeiro *bar* da antiguidade, um *Termopolimu* com os seus fogões e os seus aparelhos para aquecer a agua, o vinho e as outras bebidas, com a sua tampa ligada por uma cadeia e o seu tubo para o fumo e contendo ainda... agua, ali empocada desde a hora da catastrophe.

Apareceram



- 1—A coluna do atrio da casa do rico pompeano Obellius Firmus
- 2—A ultima attitude d'um habitante de Pompeia na occasião da catastrophe
- 3—A rua da Abundancia, em Pompeia, que acaba de ser desobstruida

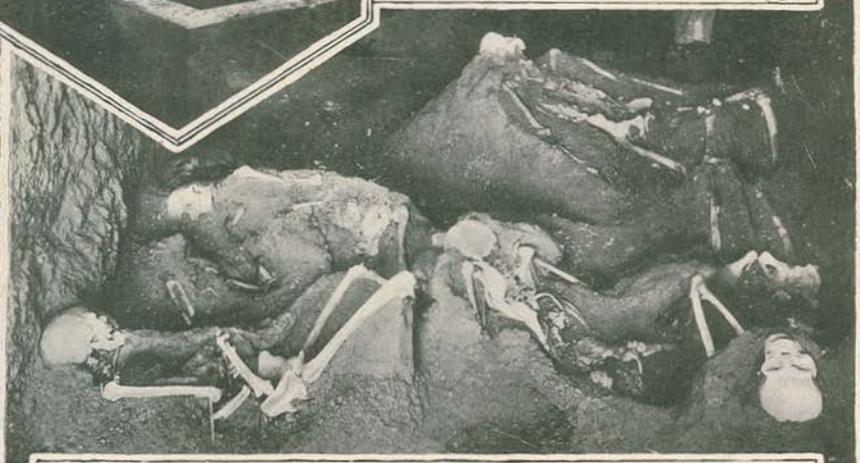


1—Um bar do primeiro século da nossa era com os fogões em que se preparavam as comidas



também vários utensílios de cozinha e ainda a caixa com o dinheiro da venda do dia.

Tudo isto constitui uma larga fonte de estudos e admiráveis surpresas que se continuarão a colher nas excavações que se vão fazendo entusiasmamente.



1—A fonte pública com os frescos representando as doze divindades do Olimpo e os padres sacrificando aos lares

2—Os restos da família de Ubellus Firmus como foi surpreendida no ano de 79

(Clichés Abeniacar)

AS ROSAS DE TODO O ANNO
EM LONDRES



Miss Gwladys Mawer, medalha
d'ouro do Conservatorio
de Londres

a rever e aperfeiçoar por Mrs. Edward Lewis, illustre escritora e amadora dramatica bem conhecida na sociedade elegante da nossa capital, mas ensaiou-a para conservar-lhe intacto o caracter meridional, bem como os nossos processos de encenação.

Miss Gwladys Mawer, no papel
de Inez

O nosso amigo e colaborador, dr. Ferreira d'Almeida Carvalho, secretario da Legação Portuguesa em Inglaterra, incansavel propagador ali das belezas da nossa terra, tendo já feito cinco conferencias publicas a ultima das quaes se efetuou na Universidade de Londres, acaba de preparar-nos uma gentil surpresa, fazendo representar em Inglaterra a primeira peça portugueza. Escolheu para esse fim e patriótica tentativa o encantador original de Julio Dantas *Rosas de todo o ano*, no dizer d'um critico inglez, pagina viva arrancada ao livro da vida portugueza do seculo XVIII. Não só a traduziu ele mesmo, fazendo-



Miss Hansard, na discricção do *Minuete*

O espetaculo teve para o tradutor o supremo encanto, a sensação nova, lenitivo da nostal-

gia que afflige a alma lusitana, de vêr lá tão longe, interpretadas por encantadoras raparigas inglezas, cenas de uma sentimentalidade tão nossa, tão portugueza!

A recita, organizada por Miss Sylvia Bristwe autora da interessante comedia que a completava *A School for Life*, foi em favor do fundo, hoje já em 40 contos, para distribuir aos pobres uma refeição diaria gratuita, angariado pelo *Daily Graphic*, importante diario illustrado londrino que durante oito dias fez intelligente réclame a ambas as peças e tudo que lhes dizia respeito.

O facto do teatro portuguez ser absolutamente desconhecido em Inglaterra, levou ao *Court Theatre* inumeros curiosos e criticos. O successo foi completo, tendo as interpretes numerosas chamadas.

O tradutor confiára a peça a duas amadoras de grande talento, que ensaiou minuciosamente, Miss Ardyn Hansard, sobrinha do sub-secretario d'Estado do ministerio da guerra, amadora muito festejada na sociedade de Londres, que deu ao papel de *Susana* enorme graciosidade e frescura, marcando deliciosamente o contraste entre a infantil ingenuidade da primeira parte da peça e o grito de horror ao saber quem era o homem com quem projectára casar. A cena final tão eloquentemente muda e emocionante da saída com o braçado de rosas, felamagistralmente.



Miss Ardyn Hansard, dis-tinta ama-dora



Miss Ardyn, no papel de *Susana*



Miss Gwladys Mawer tem no papel de Inez uma alta criação artistica e mereceu calorosos elogios dos seus professores no Conservatorio de Londres, a cujo ensino faz honra.

Tendo ali obtido m e dalha d'ouro, distincção pouco vulgar, possui um temperamento artistico de superior qualite.

Apaiçou-se pelo papel da freira portugueza, que encarnou divinamente, vivendo-o, chorando e sofrendo com ele.

De tudo soube tirar partido, aproveitou intelligentemente as menores nuances.

Muito insinuante, cheia de expressão no rosto e no olhar meigo e envolvente, domina completamente o

A freira aconselhando *Susana*



A cena culminante da peça (Phot. da cena feita com luz artificial)



Mistress Edward Lewis,
que colaborou
na tradução
das
Rosas de todo o ano



Sr. Ferreira d'Almeida,
2.º secretario da legação em Londres,
tradutor das
Rosas de todo o ano

auditorio com a sua voz acariciadora e dolente.

A descrição 'dos seus tragicos amores fel-a com tal fogo, tal sinceridade, que comveue profundamente a assistencia. Ela mesma estava lavada em lagrimas e extenuadissima ao cair do pano.

O seu trabalho, que só uma grande artista igualará, foi coroado por um grito unisono de fervoroso aplauso.

Miss Mawer deseja debutar como artista com este papel, se a peça vier a fazer carreira no teatro inglez.

A critica foi unanimemente favoravel á peça, tendo palavras muito acolhedoras para o seu autor, tradutor e interpretes, não só os principais djarios de Londres, como *Daily Telegraph, Times, Morning Post,* etc., mas ainda os jornaes que apenas se dedicam ao teatro.

Em vista d'este successo o sr. dr. Ferreira d'Almeida pensa continuar, tendo já em preparação outros trabalhos d'este genero, que produzirão para o nosso paiz o mais salutar e justo renome no mundo literario estrangeiro.



Susana salva pelas rosas

FIGURAS E FACTOS



1—Felix do Amaral
no papel
de Amfitrião



2—As personagens da *Sacmitala*, de Kalidoso: Marina Rodriguez, Beatriz Batista, Estela Leitão, Artur Rosa Mateus, Antonio de Gouveia. 3—Sr. Pedro Botkiner, o novo ministro da Russa a em Portugal. 4—Cena dos *Amfitrões* de Plauto: Beatriz d'Almeida e Justina de Magalhães nos papeis de *Bromia* e de *Aleruac*. 5—Aspetos do descarrilamento do comboio em Santarem no dia 6 de abril—(Lichês do sr. Joaquim Malte)



1—A reunião do conselho teatral. Alor Antonio Pinheiro, dr. Julio Dantas, dr. Queiroz Vellozo, Luiz Jarreto da Cruz, atores Ignacio e Augusto de Melo, dr. Coelho de Carvalho e Ferreira Mendes.

2—O sr. dr. Afonso Costa com a comissão da cantina do Bem no dia em que foi oferecido um jantar a 300 creanças.

3—O sr. dr. Paulo Canceleda, falecido em 9 d'Abriil.

4—Sr.^a viscondessa d'Almeida Araujo, falecida em 10 d'Abriil.

5, 6 e 7—As novas instalações do magnifico estabelecimento «Nutricia de Lisboa» na rua do Jardim do Regedor.



O magnifico estabelecimento que é o «Nutricia de Lisboa» acaba de abrir

(Clichés de Benolle)

mais uma sala de venda instalada com todo o luxo e beleza da sua primeira séde.

OS JOGOS OLIMPICOS DE STOKOLMO



- 1—Sr. Helestrom
- 2—Sr. Sandeberg
- 3—Sr. Balck
- 4—O príncipe herdeiro da Suecia
- 5—Sr. Edstrom
- 6—Sr. Fredadins
- 7—Sr. Burmann

Os organizadores dos Jogos Olímpicos:
8—Sr. Thiscel

- 9—Sr. Uglia
- 10—Sr. Murray
- 11—Sr. Waldemar Löfryser, organizador da excursão que vae a stokolmo
- 12—Sr. Alevin
- 13—Coronel Rosen
- 14—Lowenadler
- 15—A medalha de honra
- 16—A taça Challenge oferecida pela Associação de Foot-ball
- 17—Insignia dos concorrentes

O lugar onde se realisão as regatas de lates á vela



A Suecia chama para si os turistas de uma maneira habi-
lissima. E' espantosa a fórma
de reclamar esse paiz cheio de
pitoresco e de beleza como Por-
tugal e onde existe uma fórma pra-
tica de levar a efeito a sua
propaganda. Vão realizar-se
no proximo julho os
jogos olimpicos em
Stockolmo e já portoda a Europa se pre-
param os turis-
tas para irem
assistir
não só ás
partidas

lo sol que desce ou pelos pri-
meiros raios do sol ao erguer-se
depois do desaparecimento de
duas horas, que tanto dura a noi-
te, refletem o seu
brilho com o das
lanternas dos na-
vios nas aguas que,
durante a noite cre-
puscular, embalam
a cidade adorme-
cida.

Depois
ha as ex-



1—Na pista
2—O pavilhão de law-tennis

3—O stadio em construção

de foot-ball, law-tennis e tiro ao al-
vo, como aos desafios ciclistas, es-
grima, ginastica, luta, natação, equi-
tação, regatas de yachts, tudo quan-
to o sport moderno tem de curioso e
que n'um enorme espaço se apre-
senta, devendo os vencedores re-
ceber belos premios. Campeões do mundo assistirão
aos diversos torneios amigos dos desportes

lá concorrerão, assim como uma grande maioria dos que por essa Europa fóra, depois da labuta aturada d'um ano, deliberam folgar um mez.

As festas duram de 20 de junho a 22 de julho e assim ainda os viajantes poderão assistir ao grande espectáculo do sol da meia noite.

Stockolmo, n'essa época, vista do lado do mar, tem um aspecto feerico: milhares de janelas iluminadas pe-

cursorões no lago Malar, no archipelago se vêem as baías e os fjords sulcados pelos barcos a vapor, yachts e pequenas embarcações veleiras e quem mais quizer demorar-se pôde ainda visitar a Lapônia e a Jamtlandia a vêr as quedas d'agua e a trazer uma impressão que se guarda eternamente de tantas belezas diversas, de tão variadas sensações.

Em Portugal organiza-se tambem uma excursão á Suecia com escala por Paris e Berlim e assim haverá occasião de visitar a terra do sol da meia noite, o paiz singular d'Ibsen e de Bjornestén.



A taça Challenge para o vencedor de luta



Premio do conde Geza Andrassy, para o vencedor do concurso de obstaculos



A taça Challenge oferecida pelo conde Bismarck para o vencedor do concurso

O CONGRESSO PEDAGÓGICO



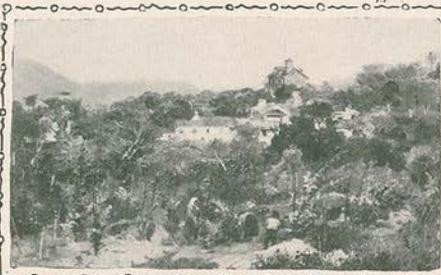
- 1—Aspecto da sala da Sociedade de Geografia no dia da inauguração do Congresso
- 2—O sr. dr. Bernardino Machado na inauguração do Congresso a que estava presidindo o chefe do Estado
- 3—A visita dos Congressistas à escola Oficina n.º 1
- 4—As crianças da escola Gremio de Educação Popular que os congressistas visitaram



A visita dos congressistas á Cantina de Jesus
(Clichés de Benolle).

NO SALÃO DA ILUSTRAÇÃO

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DO GRANDE ARTISTA ALFREDO KEIL



1—Última pedra (Praia das Macãs) 2—Convento do Carmo (Colares) 3—Claustro do Carmo (Colares)
4—Alfredo Keil 5—Parque de Queluz 6—Payo Mendes (Ferreira do Zezere) 7—Praia de Ursa

A exposição Keil, que abriu em 18 de abril no salão da *Ilustração Portuguesa*, é um recanto de arte onde se vêem os mais preciosos trabalhos

d'esse singular artista que sendo um grande maestro foi também um ilustre pintor e um erudito e paciente colecionador de raridades.

Os francezes erigiram um monumento á rainha Vitoria, em Nice.

Aidéa partiu d'um leitor do *Petit Niçois*, que abriu a subscrição, a fim de comemorar no marmore as longas estações da soberana ingleza n'aquella linda cidade da Côte d'Azur. As terras do litoral, as importantes como as pequenitas subscreeveram para essa obra comum, lembrando-se sempre de terem visto passar essa velhinha encantadora que sorria e dava esmolas, acaricia-



va as creanças e aconselhava as mães.

A idéa foi muito feliz e no soclo do monumento ella está expressa n'essas mulheres, Nice, Cannes e Menton, as tres irmãs, que lhe ofereceram as suas homenagens.

Cannès, porém, não quiz ficar atraz de Nice, e comemorando as vilgieturas de Eduardo VII acaba tambem de lhe erguer um monumento tão belo como o que se levantou n'aquella cidade de á rainha Vitoria.

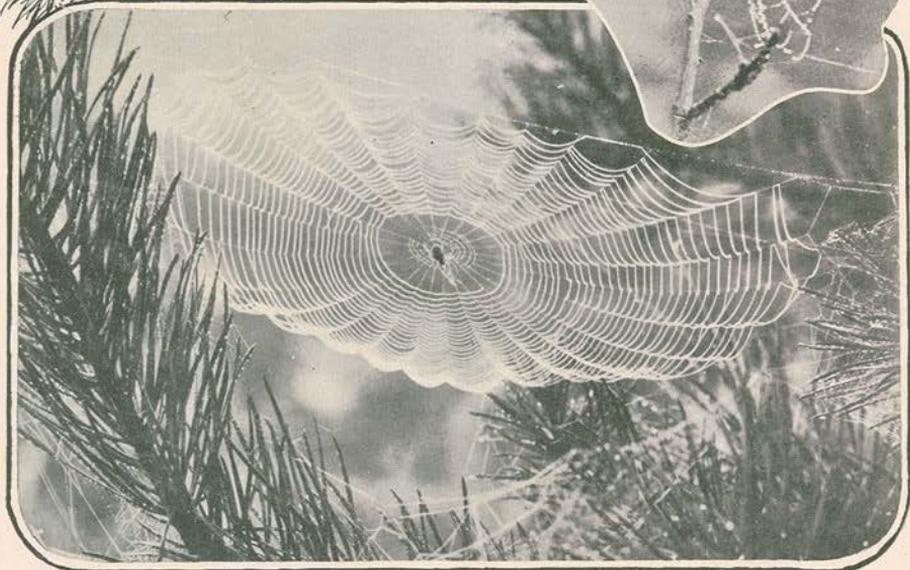


1—O monumento á rainha Vitoria em Nice. 2—Nilo Peçanha, cujo livro de impressões da Europa obteve um grande exito. 3—O grande estadista Henri Reisson falecido em 15 de abril. 4—Gasset ex-ministro da fazenda de Hespanha, cujos artigos no «Imparcial» de Madrid relativos a escandalos políticos estão causando sensação.

PRODIGIOS ARTISTICOS DAS ARANHAS



Quem dirá que a aranha, tão feia, é tão perfeita obreira. Lembam estas aranhas aquelas rendeirinhas disformes por uma ge-



1 e 2—Duas lindas telas 3—Tela n'um arbusto

Algumas são rendilhados soberbos que pendem dos troncos das arvores, outras como tecidos caprichosos estendidos de um ramo para outro, com a mesma arte que faz cismar se teriam sido tão feios bichos os inspiradores d'esses labores suaves, mas menos que as suas teias, usados nos mais gentis pescoços como ornatos.

E' certo, porém, que em todos aqueles em quem palpita uma idéa de arte, em quem viva um pouco d'intuição de beleza, não pôde passar diante d'esses prodigios das aranhas sem se deter a olhal-o e a pensar que é sempre em teias suaves que, com a perseverança das aranhas se fabricam, se apanham os insetos mais esquivos.



A teia prendendo o or alho

ração que se acochou sobre o trabalho e de cujos dedos fininhos vão saindo maravilhas. A aranha também faz as suas rendas, as suas maravilhas, por onde o sol se cõa e o orvalho se prende nas manhãs de frio, e essa renda, a sua teia, parece que é feita para uma obra de pureza quando é uma maldade. E' como se construissem para prisão um palacio magnifico. Cá fóra os rendilhados, as maravilhas, as belezas e pela transparencia de todas estas magnificencias deixam-se vêr as agonias que lá dentro se passam. E' certo que n'esta teia sofrem apenas as moscas, mas sempre é sofrimento para tão esplendido recinto.



Um lindo veu

TEATROS DE LISBOA



AS PRINCIPAES FIGURAS DA OPERA DO COLISEU DOS RECREIOS
 1—Tenor Enrico Moreo 2—Elda Cavalleri 3—Beatriz Marugat 4—Angela de Angelis 5—O empresario sr. Antonio Santos
 6 e 7—As cenas mais movimentadas da peça *O sol da meia noite*

AS FESTAS NA AMADORA



1—Um assalto de esgrima
3 e 4—Assistencia nas tribunas 4—Gaita greco-romã na 5—Ginastica em barras

Em 13 de abril realizaram-se na Amadora soberbas festas desportivas em que tomaram parte

2 e 6—Assistencia na fabrica Santos Matos

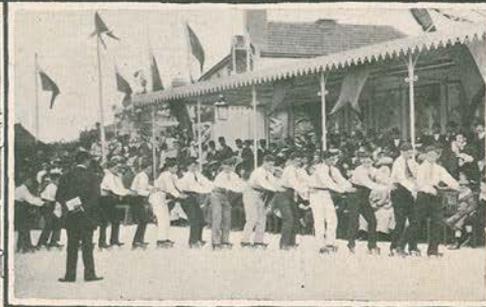
Já não é difícil organizar entre nós uma festa com elementos desportivos tanto se tem desenvolvido entre nós todos os generos de sport não só em Lisboa mas em todos os pontos do paiz.





1—O Ju-Jitsu
 2—Um trecho da
 assistência 3—As-
 peto geral dos re-
 creios desportivos.

alguns dos
 nossos princi-
 paes amadores
 de esgrima, de
 atletica, de pa-
 tinação, e



4—Patinadores
 (Clichés de Benollet)

de outros despor-
 tes que d'uma ma-
 neira brilhante se
 apresentaram á
 enorme assistência
 nos seus variados
 exercicios.